

# Reflexões ainda provisórias sobre a guerra no Afeganistão\*

Stanley Meisler\*\*

Para me sentir com isenção de sentimentos diante dos eventos do ano passado, tenho procurado pôr ordem ao fluxo dos meus pensamentos. A situação é tão complexa que no mínimo dela brotam uma dúzia de questionamentos:

1. A destruição do World Trade Center foi ato abjeto e inimaginável, que não pode ser justificado de modo nenhum. Os americanos têm o direito de sentirem fúria e desprezo pelos perpetradores e pelos que se deleitam do seu feito. Este ato foi tão vil, que sempre dou as costas à tela da tevê quando as cenas são repetidas. Sinto-me exaurido, pelo menos ainda hoje, para ir até o *Ground zero*, quando em Nova Iorque.
2. Muitos americanos ficaram desconcertados com George W. Bush durante a última campanha eleitoral e, confesso, ainda estou. Mas aquele tom de *cowboy* de cartaz de cinema com seu simples empenho de fazer os *bastards* pagarem, caiu ao gosto do público norte-americano e fez a todos se sentirem unidos, com objetivos e assim um pouco mais aliviados. Este foi um feito significativo.
3. A destruição e carnificina terrorista, como Osama Bin Laden deixou claro num vídeo, foi muito mais devastadora do que os terroristas imaginaram ou mesmo conceberam como possível. A sua enormidade violou a lógica do terrorismo. Forçou a vítima à terrível retaliação, e isso estabeleceu um trágico precedente para futuros mártires da causa. Que mais poderá um terrorista fazer para lhe garantir mais elevado degrau no Valhala, do que fizeram os *dark villains* do 11 de setembro? Significa isso que os terroristas da Al Qaeda e seus simpatizantes não farão nada por enquanto a não ser que se apresente como superior? Não sei, mas duvido.

---

\* Comunicação especialmente elaborada para este número de *C&F*, recebido em dezembro de 2001.

\*\* Jornalista norte-americano, da editoria do *The Los Angeles Times* por mais de 25 anos.

A tradução é de Ailton Benedito de Souza.

4. Devemos ser cuidadosos com o uso da palavra guerra. Terroristas semearam o caos em nossas hostes. Não víamos tal carnificina sobre o nosso território desde a Guerra Civil. Mas agora não estamos em guerra do mesmo modo que os americanos estiveram em 1940. Fomos desafiados, objetos de provocação e terrivelmente feridos, mesmo humilhados, mas não precisamos mobilizar todas as nossas energias num esforço a toda a carga para defender nossas liberdades e democracia. A despeito de nossa retórica patriótica, nunca houve nenhum perigo de que os terroristas pudessem nos pressionar do modo como Hitler o fez durante a Segunda Guerra Mundial. O que fizemos foi aprestar uma expedição punitiva (não obstante a mais devastadora da história) contra o Talibã e a Al Qaeda, do mesmo modo como os britânicos montaram expedições punitivas contra o *Mahdi* e seus fanáticos seguidores fundamentalistas no Sudão durante o século XIX. Quando os políticos tropeçam sobre guerra ao terrorismo, na maioria das vezes estão usando guerra como metáfora, do mesmo modo como nos exortam a fazer guerra contra as drogas, o crime, o comunismo.
5. Mas houve guerra e devastação no Afeganistão. Suspeito que muito mais afegãos morreram durante os últimos meses de 2001 do que o total de nossas mortes no 11 de setembro. Muitos eram terroristas ou seus acólitos e mereceram sua sorte. Mas a despeito das tímidas negativas do Pentágono, muitos eram civis inocentes. E um grande número, talvez a maioria, eram ignorantes, jovens iludidos por lavagem cerebral, a seguir ordens de líderes malfeitores. Se se aceita a necessidade de retaliação, e eu a aceito, não se pode castigar nossas forças armadas por matarem. A responsabilidade pelas mortes afegãs jaz com a teimosa e estúpida liderança Talibã que se recusou a entregar Bin Laden. Contudo, embora censura não nos caiba, desejaria que pudessemos abertamente nos condoer pelas mortes desnecessárias no Afeganistão.
6. A expedição punitiva norte americana logrou êxito de vários modos. Ela demoliu o Talibã quanto ao acoitamento de terroristas. Ela demoliu a operação terrorista dentro do Afeganistão. Ela mandou um sinal ao resto do mundo de que os Estados Unidos não mais tolerariam aqueles que abriguem intenções terroristas de nos ferir. O grande suposto fracasso tem sido a fuga, pelo menos até agora, de Osama Bin Laden e do Mullah Omar. Esse fracasso, contudo, somente por causa das bravatas de *macho* de nosso presidente. É inconcebível que o *Mullah* venha jamais a governar o Afeganistão ou que Osama Bin

Laden venha a ter permissão de outro qualquer governo para operar abertamente sob sua proteção. Eles podem viver como fugitivos sob pavor, como Eichmann na Argentina, ou Barbie na Bolívia. E como Eichmann e Barbie, eles serão caçados em tempo.

7. O verdadeiro fracasso americano tem sido em casa. Nações como a Grã-Bretanha e Israel que vivem com o terrorismo sabem que devem se submeter a rigorosas medidas de segurança. A partir do Dia Um, o presidente Bush, como comandante em chefe, devia ter ordenando um controle por parte do governo da segurança dos aeroportos com o fito de promover intensificada vigilância nas bagagens e passageiros, além da colocação de oficiais a bordo dos aviões. Em vez disso, enquanto o presidente se movia pelo país no 11 de setembro, o secretário de transportes emitiu uma inane proibição na revista confidencial das bagagens. O desdém ideológico dos republicanos com relação ao controle governamental antes que privado mais retardou as ações e agravou o nervosismo do público com relação ao voar. O tratamento dado pela administração em relação ao subsequente susto do antrax, fez descer a confiança em voar. E os vagos alertas do John Ashcroft e Tom Ridge sobre nebulosas ameaças terroristas soaram como não mais que tênue tentativa de cobrir suas próprias nádegas. “Se o terrorismo vier a atacar, poderiam ter dito, nós avisaremos a vocês”.
8. O esgarçamento da Constituição por Ashcroft e outros, em nome do antiterrorismo, tem sido despidorado. A compulsão frenética para encarcerar e inquirir pessoas do Oriente Médio teve um sabor de *show business*. Desde que os agentes da segurança dos Estados Unidos tinham fracassado em evitar o 11 de setembro, se puseram a correr irados em círculos para fazerem crer que estavam impedindo o que quer que estivesse planejado para depois. Tinha o gosto da usual caça a suspeitos em Casablanca, mas com menos graça.
9. Saddam Husein é um déspota insípido cuja partida iria beneficiar tanto o Iraque quanto o Meio Oriente, mas isso não é justificativa para aprestar nova guerra contra ele agora. Uma escapada iraquiana iria distorcer a batalha contra o terrorismo. A posse de armas de destruição em massa não prova automaticamente que você é um terrorista. Já se tem passado muito tempo desde que alguém tenha produzido qualquer evidência crível de que Saddam tenha patrocinado um ataque terrorista. Seu crime internacional é atroz, mas diferente. Ele tem desafiado as resoluções da ONU que exigem verificação por terceiros de que

destruiu todo seu arsenal de armas biológicas, nucleares e químicas. A bem da justiça, ele jamais teve qualquer motivação para aceder, desde que ambos, o velho Bush e Clinton, juraram jamais levantar as sanções enquanto Saddam governasse o Iraque. Saddam precisa ser tratado - com rigor, se possível, é pela ONU.

10. Ações futuras contra o terrorismo demandarão decisões sutis e a cooperação de outros. Movemo-nos, direta ou indiretamente, contra todos os terroristas? Ou são alguns terroristas diferentes dos outros? É o terrorismo dos palestinos 'jogo limpo' porque cruza fronteiras? Não o terrorismo basco 'jogo limpo' porque não cruza fronteiras? São terroristas os separatistas violentos? São terroristas as vítimas rebeladas da opressão? Combatemos apenas os terroristas que se batem contra nós? Se assim, isso requereria que nos mobilizássemos para entrar no Egito? Para espezinhar a Arábia Saudita? As questões são complexas e as soluções difíceis. Nós obviamente precisamos de apoio de outros países para qualquer que seja a política que venhamos a adotar. Contudo, mesmo na véspera do 11 de setembro a administração Bush permitiu que o subsecretário de Estado John Bolton fosse a conferências internacionais levantar seu nariz diante de nossos aliados. Bush ainda não entende nossa necessidade de alianças 'entranhadas'.
11. Não há dúvida de que algo de muito ruim ocorreu com o setor norte-americano de inteligência, e no devido tempo uma ou mais comissões, pelo menos uma de nível internacional, serão criadas para avaliar esses deslizamentos. Como de costume, a CIA provavelmente não parecerá muito bem. Suspeito que os republicanos tentarão com esforço colocar tantas críticas quanto possam sobre Bill Clinton por ter falhado anos atrás em varrer a Al Qaeda e seus protetores Talibãs. Quão alto esses detratores teriam gritado, contudo, se ele assim tivesse feito. "Atiçando o Cão!", teriam protestado. "Como ousa ele distrair nossa atenção do tema sexo, Mônica e outras questões vitais do dia?"
12. A estrondosa popularidade de Bush dá-lhe uma oportunidade de forjar um programa doméstico que poderia unir o país aem torno de si. Mas ele é impedido por seu conservadorismo, seu temor da ala direita, sua falta de imaginação. Ter Osama Bin Laden vivo ou morto reflete o machismo de imaginação curta. Não importa quão capenga seus futuros cortes de impostos venham a se provar. Bush não os querera discutir. Seu empenho certamente é um eco do grito do seu pai: "Leia meus lábios - não mais impostos". O eco do filho é mais estridente e mesmo mais estúpido.